

# CHAPEUZINHO VERMELHO E SEUS INTERTEXTOS: LEITURAS POSSÍVEIS POR CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Érica Mancuso Schaden<sup>1</sup>  
Amanda Camasmie Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo discute modos como alunos do 1º ano do Ensino Fundamental evidenciam a intertextualidade entre o conto clássico Chapeuzinho Vermelho e a releitura contemporânea Chapeuzinho Amarelo. A análise ancorou-se no conceito de intertextualidade. Concluímos que o cotejamento promove a compreensão acerca das narrativas e a abertura para o processo criativo.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; leitura; literatura infantil.

## Introdução

Esse artigo vincula-se a uma pesquisa mais ampla, do Grupo ALLE-AULA, da Universidade Estadual de Campinas e, mais especificamente, a um projeto financiado pelo CNPq - Processo nº 401404/2016-1 (Projeto-Mãe), que busca compreender aspectos relativos ao trabalho a favor da formação de leitores na Escola Básica.

Neste texto articularemos dois trabalhos de pesquisa vinculados ao projeto-mãe: 1. uma Iniciação Científica, que realizou o levantamento de 80 obras que estabelecem relações intertextuais com a história Chapeuzinho Vermelho; 2. uma tese de doutorado, em que se discute a leitura da literatura infantil, na qual foi realizado um estudo aprofundado acerca da temática. Isto posto, nos limites deste texto, nosso objetivo será compreender os modos como as crianças evidenciam a intertextualidade entre o conto Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault (1985), e a obra Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque (1994), a fim de problematizar os sentidos elaborados pelos sujeitos.

Para esse debate, apoiamos-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da perspectiva discursivo-enunciativa de Mikhail Bakhtin e em trabalhos relacionados à leitura e intertextualidade, tais como Fiorin (2008) e Koch (2008). Os dados foram produzidos nas aulas em acontecimento, no decorrer de um conjunto de duas semanas, num total de doze horas.

Os materiais de análise são, portanto, anotações em diário de campo da pesquisadora e os enunciados das aulas - gravadas e transcritas - nas quais a discussão dos textos foi realizada com as crianças.

## Chapeuzinho Vermelho e seus intertextos

A história Chapeuzinho Vermelho tornou-se um clássico. Frente a isso, várias versões surgiram, em que ora os personagens são utilizados, mas em contextos e enredos diferentes, ora novos personagens são criados, embora o enredo se mantenha. Essa mescla de possibilidades acentua a presença do conto da Chapeuzinho Vermelho na contemporaneidade.

Um dos livros analisados na Iniciação Científica, vinculada a esse artigo, foi Chapeuzinho Amarelo, escrito por Chico Buarque e ilustrado por Ziraldo. Esse livro, em formato quadrado, possui, na 25ª edição, vinte e nove páginas.

---

<sup>1</sup> Pedagoga e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - UNICAMP. E-mail: [ericamancs@gmail.com](mailto:ericamancs@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Educação - UNICAMP. E-mail: [amanda.camasmie@yahoo.com.br](mailto:amanda.camasmie@yahoo.com.br).

Com ilustrações extensas e coloridas, incluindo-se a capa, onde é apresentado o rosto da menina, com um grande chapéu amarelo, a história trata, de modo geral, do medo que a Chapeuzinho Amarelo tem, inclusive do lobo.

A história passa em um dia em que o medo da Chapeuzinho Amarelo é superado, por meio de brincadeiras, como a relacionada à palavra LOBO, que se transforma em um BOLO fofo.

Para se entender as marcas da intertextualidade dessa narrativa com o conto original da Chapeuzinho Vermelho recorreremos ao conceito de intertextualidade discorrido por Koch (2008) e Fiorin (2008).

Koch (2008) distingue a intertextualidade entre implícita e a explícita. Na intertextualidade explícita há as marcas evidentes do diálogo entre os textos, sendo que na intertextualidade implícita não há alusão direta ao texto original. Segundo os autores, “a intertextualidade implícita ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias (2008, p. 92).

Com base na perspectiva teórica de Mikhail Bakhtin, Fiorin (2008) pontua que a intertextualidade não foi um termo abordado pelo autor, sendo esse conceito introduzido nos estudos bakhtinianos por Júlia Kristeva, em 1967. Segundo Fiorin (2008, p. 52),

[...] devem-se chamar intertextualidade apenas as relações dialógicas materializadas em textos. Isso pressupõe que toda intertextualidade implica a existência de uma interdiscursividade (relações entre enunciados), mas nem toda interdiscursividade implica uma intertextualidade. Por exemplo, quando um texto não mostra, no seu fio, o discurso do outro, não há intertextualidade, mas há interdiscursividade.

Fiorin (2008) atenta o leitor a respeito de não se confundir as noções de texto com enunciado.

[...] há, em Bakhtin, uma distinção entre texto e enunciado. Este é um todo de sentido, marcado pelo acabamento, dado pela possibilidade de admitir uma réplica. Ele tem uma natureza dialógica. O enunciado é uma posição assumida por um enunciador, é um sentido. O texto é a manifestação do enunciado, é uma realidade imediata, dotada da materialidade, que advém do fato de ser um conjunto de signos. O enunciado é da ordem do sentido; o texto, do domínio da manifestação. O enunciado não é manifestado apenas verbalmente, o que significa que, para Bakhtin, o texto não é exclusivamente verbal, pois é qualquer conjunto coerente de signos, seja qual for sua forma de expressão (pictórica, gestual, etc.) (FIORIN, 2008, p. 52).

Koch e Fiorin, mesmo utilizando termos distintos (para o primeiro, intertextualidade explícita e implícita, e para o segundo, intertextualidade e interdiscursividade), aproximam-se ao considerar a relação entre textos pela presença ou ausência de marcas dialógicas.

Nosso movimento intertextual destaca a possibilidade de aproximações e distanciamentos entre as duas narrativas. Mais explicitamente, a presença no título da palavra Chapeuzinho, logo acrescida da cor amarelo, remete-se diretamente ao título original Chapeuzinho Vermelho. Só que nesse caso, a Chapeuzinho (também uma menina) usa um chapéu de cor amarela e não uma capa.

Sobre a questão do medo, há semelhanças e diferenças entre as histórias. Em Chapeuzinho Vermelho, a menina não tem medo, mas o adquire ao longo da narrativa, diferentemente do que ocorre em Chapeuzinho Amarelo, em que a menina já inicia com medo e o perde no final.

Com base na perspectiva de Koch (2008), podemos encontrar marcas da intertextualidade explícita no diálogo entre a Chapeuzinho Amarelo e o lobo, remetendo-se diretamente à versão original, no entanto, com variações em decorrência do novo enredo: “[...] carão de LOBO, olhão de LOBO, jeitão de LOBO e principalmente um bocão tão grande que era capaz de comer duas avós, um caçador [...]” (BUARQUE, 1994, s/ numeração). No entanto, notamos diferenças marcantes entre as duas narrativas, como a ausência das personagens avó e caçador ou lenhador, em Chapeuzinho Amarelo, primordiais para o desenvolvimento do desfecho do conto Chapeuzinho Vermelho.

Por fim, ambas histórias têm como ponto central o amadurecimento da menina, porém, por meio de trajetórias e experiências diferentes. Versões diferentes de uma história promovem com que os alunos vivenciem a possibilidade de enxergá-la por distintos ângulos e perspectivas, bem como compreender aspectos relacionados às suas realidades como o medo, o processo de amadurecimento, relações familiares, amizade etc.

### **Leituras possíveis por alunos por meio da intertextualidade com Chapeuzinho Vermelho**

A intenção nessa aula, realizada em fevereiro de 2018, era trabalhar com os alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental o movimento intertextual para produção de sentidos entre a história Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque, e o conto original, Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault.

Ao longo de duas semanas foram apresentadas algumas versões da história Chapeuzinho Vermelho, sendo que o conto original já era bem conhecido pelos alunos. A sala de aula era ocupada totalmente pelas trinta carteiras e a gravação para posterior análise ocorreu com os alunos sentados.

A recontagem da história da Chapeuzinho Vermelho foi realizada por meio de uma atividade impressa, na qual havia um resumo da história. Após isso, a professora explicou sobre a atividade aos alunos, na qual deveriam buscar as semelhanças e as diferenças entre as narrativas.

A professora mostra a capa do livro e questiona: o que vocês veem de diferenças e semelhanças entre a Chapeuzinho Vermelho e a Chapeuzinho Amarelo?

Aluno: Ela usa um chapéu...

Professora: Ela usa um chapéu e ela não usa capa... ela não usa uma capa... A Chapeuzinho Vermelho usava uma capa vermelha e a Chapeuzinho Amarelo usa um chapéu de cor amarela.

(A professora realiza a leitura da história da Chapeuzinho Amarelo)

Professora: Quais são as semelhanças entre as histórias da Chapeuzinho Vermelho e da Chapeuzinho Amarelo? Vocês lembram da história? Quais são as semelhanças?

(A sala permanece quieta. A professora faz um quadro para colocar as semelhanças e diferenças na lousa)

Professora: Tinha Chapeuzinho?

Alunos: Tinha...

Professora: Tinha Lobo Mau?

Aluno: Tinha.

Aluno: Nãoooo...

Professora: Tinha vovó?

Aluno: Siim...

Professora: O que tinha de igual entre as histórias? O que essa história lembra (mostra o livro da Chapeuzinho Amarelo) da história da Chapeuzinho Vermelho?

Aluno: O vestido dela, o vestido dela verm...

Professora: O vestido dela é vermelho. E o que mais?

Aluno: O chapéu é amarelo.

Professora: É a mesma história? O chapéu é amarelo, então, é diferente. É a mesma história? É? É a história de uma menina, que caminha em um bosque e encontrava um lobo... é a mesma história?

Aluno: Não...

Aluno: É...

Aluno: Não é não!

Professora: Por que não é?

Aluno: Porque ela tem medo.

Professora: Ela tem medo do lobo? No começo ela tem medo. Na outra história ela não tinha medo do lobo?

(A sala consente)

Aluno: Ela tinha...(o aluno fala com voz baixa)

Professora: E o que mais é diferente? O chapéu dela, que é amarelo, vocês já falaram. E o que mais?

Aluno: Nada!

Aluno: O lacinho, o lacinho...

Aluno: E também a roupa dela vermelha...

Aluno: Tudo é diferente!

Professora: Mas a história é igual?

Alunos: Nãooo...

Professora: O que da história é diferente?

Aluna: É igual!

Aluno: Não, é diferente porque ela sabe que minhoca é cobra.

Professora: Ah, porque ela acha que minhoca é cobra? Essa é uma coisa diferente mesmo da história da Chapeuzinho Vermelho. É diferente mesmo não é? Porque na história da Chapeuzinho Vermelho era uma menina com capuz vermelho andando no...

Aluna: Não tem a cobra.

Professora: Não tem a cobra. E o que mais é diferente? São os mesmos personagens?

Aluno: Nãoooo...

Aluna: Tem uns que é, tem uns que é...

Professora: Quais que são?

Aluno: O lobo, o lobo!

Aluna: Essa daí que ela tá falando...

Professora: O lobo... Ah, então, tem personagens iguais?

(A classe começa a falar LoboboLobobolo, como ocorre em uma das passagens da história da Chapeuzinho Amarelo)

Professora: Então, tem personagens iguais?

Aluna: É igual...

Aluno: Mas é diferente...

Professora: É igual ou é diferente?

Aluna: Tia, é igual nessa parte...

Professora: A história é igual?

Aluno: Não!

Aluno: Tia, não!

Aluno: Porque ela tem medo, a Chapeuzinho não tem...

Professora: Vamos, então, escrever quais são as diferenças e quais são as semelhanças?

Essa foi a primeira atividade de intertextualidade realizada nessa sala. Por isso, coube a professora conduzi-la de forma insistente para se compreender quais pontos poderiam ser destacados como diferenças e semelhanças entre as histórias. Aos poucos os alunos, pela participação na atividade, começaram a buscar essas marcas da intertextualidade, que ora se apresentavam de maneira explícita ora implícita. Na lousa, os alunos destacaram:

Semelhanças: presença dos personagens Lobo e Chapeuzinho.

Diferenças: chapéu amarelo (Chapeuzinho Amarelo) e capa vermelha (Chapeuzinho Vermelho); medo do lobo (Chapeuzinho Amarelo) e sua ausência (Chapeuzinho Vermelho); ausência da avó (Chapeuzinho Amarelo).

Compreendendo a aula como um processo dialógico, posto estarem os sujeitos em relação social, sentidos estão em disputa (arena ideológica), em uma condição de produção específica, a relação de ensino. Diante disso, a compreensão torna-se ativa e responsiva quando há abertura ao sujeito, por isso, a atividade de intertextualidade foi vivenciada conjuntamente entre professora e alunos, para a produção de sentidos. Isto porque, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN, 2014, p. 137). Como professores “não temos como controlar os processos de compreensão que acompanham nossos dizeres” (FONTANA, 2001, p. 34-35).

Por isso, cabe ao professor possibilitar com que aos alunos possam vivenciar o processo dialógico, entendido, conforme pontua Bakhtin (2014, p. 127), “[...] não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”, movimento somente possibilitado pela interação social, no caso, interação verbal, concretizado, nesse caso, na atividade de intertextualidade proposta.

### **Considerações finais**

Para o desenvolvimento dessa investigação, nos propusemos a discutir os modos como os alunos de um primeiro ano do Ensino Fundamental evidenciam a intertextualidade entre o conto clássico Chapeuzinho Vermelho, de Charles Perrault, e a história contemporânea Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque. A análise ancorou-se nos perspectiva teórica bakhtiniana e no conceito de intertextualidade, proposto por Koch (2008) e Fiorin (2008).

Partimos do pressuposto que: 1. a sala de aula coloca-se, efetivamente, como espaço de promoção e incentivo à leitura na escola, mediando o encontro dos sujeitos com a cultura produzida historicamente pela sociedade; 2. a mediação dos professores é constitutiva das práticas experimentadas pelos discentes; 3. os contos de fadas são de conhecimento da maioria dos professores e alunos; 4. na contemporaneidade há uma diversidade de textos que estabelecem relações intertextuais com a história Chapeuzinho Vermelho; 5. ensinar a ler é ensinar a cotejar textos.

A análise da atividade de intertextualidade proposta nos permite afirmar que a leitura e discussão de distintas versões de uma mesma história promovem a compreensão dos sujeitos acerca das narrativas, bem como propiciam a abertura para o processo criativo de novas narrativas pelo aluno.

### **Referências**

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 16. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BUARQUE, Chico. *Chapeuzinho Amarelo*. 13. ed. São Paulo: Berlendis & Vertecchia Editores Ltda, 1994.

FIORIN, José L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.

FONTANA, Roseli. Sobre a aula: uma aventura pelo avesso. *Presença Pedagógica*, v. 7, n. 39, p. 31-38, mai./jun. 2001.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. *Ler é compreender os sentidos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRAULT, Charles. *Chapeuzinho Vermelho*. São Paulo: Cortez, 1985.